

# FITOGROGRAFIA DAS RESTINGAS DO ESTADO DE PERNAMBUCO

<sup>1</sup>NIEDJA MARIA GALVAO ARAUJO e OLIVEIRA

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho fitogeográfico pretende apresentar os resultados de uma pesquisa ainda em desenvolvimento e já denominada “Fitogeografia das Restingas e Mangues do Estado de Pernambuco”.

Mesmo realizando a nível estadual, esse estudo fitogeográfico define as unidades fisionômico-ecológicas que caracterizam esta porção do espaço costeiro e permite mostrar os elementos básicos para avaliação do estado atual das Restingas e Mangues de Pernambuco.

Os critérios adotados para chegar a atingir tal objetivo e que nos levaram ao estudo das Restingas e Mangues forma as seguintes: Variação de umidade, da salinidade marinha, da luminosidade e das diferenças de solo atuando isoladamente ou, que é mais comum. Em Graus variáveis de interrelação, com associações vegetais distintas e bem características, dentro do domínio morfoclimático costeiro.

## **RESTINGAS:**

A restinga é designada como barreiras ou cordões litorâneos. E formada por faixas arenosas depositadas paralelamente á praia. Colocase acima do nível ma maré alta e a medida que se estende vai separando do mar parcelas de água que se transformam em lagoas, como é o caso das lagoas de Cupe, em Ipojuca. Olho D'Água, em Candeias, Pau Santo e Maranguape, em Paulista, criando condições para o estabelecimento de vegetação altamente especializada e bastante limitada em sua composição. Essa vegetação é formada de plantas ditas pioneiras, porque são as primeiras a se estebeleceron em áreas desnudas, inteiramente virgens.

Fatores limitantes como a alta salinidade, a falta de matéria orgânica, a mobilidade dos substratos, a rapidez da drenagem das águas pluviais e o superaquecimento das camadas superficiais, causada pela insolação direta, também excluem a maioria das plantas ambientais. A pesar desses fatores, nesse ambiente, encmtramse adaptações morfológicas, seja no cúmulo de sal nos tecidos da folha, tornando a suculenta, seja no desenvolvimento de quales rastejantes (estaloníferos). Estes flutuam sobre a areia acompanhando as modificações da superfície ou de caules subterrâneos (Rizomas) que chegam a aparecer na forma de árvores ou arbustos deixando a mostra na superfície apenas copas com folhas.

---

<sup>1</sup> PROFESORA TITULAR do DEPARTAMENTO de CIENCIAS GEOGRÁFICAS da UNIVERSIDADE do ESTADO de PERNAMBUCO- F. E. S. P.

Depois que as pioneiras se estabelecem, formando oásis devido na areia, modificam-se as condições. Primeiro, elas protegem o solo com sua sombra, evitando a movimentação do arenito, e havendo umidade, as folhas, galhos e caules hidratados incorporam-se com matéria orgânica do solo pobre, quimicamente. Esses fatores proporcionam condições que permitem o desenvolvimento de outras plantas, normalmente de porte mais elevado, indo sombreá-las. Tal sucessão pode ser percebida nas restingas de Cadeias, nas áreas que não tenham sofrido a ação antrópica mais intensa.

Essa vegetação de restinga, que se limita a uma faixa larga incorporada à planície costeira, pode ser subdividida em dois tipos de formação: campos de restingas e mata de restingas.

Campos de restingas: são mais comuns em nosso litoral. Com estudo de caso aparece a restinga de Cadeias, contendo a lagoa Olho D'Água (Fig. 1). Esta lagoa fica localizada no Município de Jaboatão, a uns 16 Km. ao Sul do Recife, e cerca de 2 Km. do mar. Sua área tem aproximadamente 2.7 Km<sup>2</sup>. Ela está ligada, por meio de canais artificiais, aos estuários dos rios Jaboatão (canal com 4 Km de comprimento) e Capibaribe (canal com 13 km de comprimento). Estes canais substituíram os naturais que drenavam para o rio Jaboatão, segundo Galvao (1908). O objetivo da abertura dos canais ligando a lagoa aos estuários dos rios acima citados, foi para mudar o regimen hidrológico, buscando extinguir um foco de malária.

O clima é do tipo As' da classificação de Koppen, caracterizado por uma precipitação média de 1 700 mm de chuvas anuais, umidade relativa de 83% e 24° C de temperatura média.

A alimentação de lagoa depende da precipitação pluviométrica na estação chuvosa e, na estação seca, dos canais. Durante a estação das chuvas, a precipitação pluviométrica é superior às perdas de água e, por causa disto, foram-se charcos temporários de água doce.

Durante o verão, a lagoa é alimentada por água doce do rio Capibaribe e água salada do rio Jaboatão. Estes canais servem de emissários na estação das chuvas e de tributários na estação seca. A vegetação é constituída de arbustos que se misturam com plantas de pequeno porte e as cactáceas. Nas áreas mais afastadas e abertas da lagoa há ocorrência de algumas espécies comuns aos tabuleiros, o que indica uma transição tabuleiro.

O conjunto da restinga de Cadeias dá uma idéia dos diferentes tipos de ambientes encontrados. Circundando a lagoa surgem hidrófilas emergentes, predominância junco (*heleocharis*); sobre as porções de terreno úmido, porém mais raramente inundados, o juncal é substituído por prado hidrófilo, composto principalmente por ciperáceas e gramíneas; nas áreas mais distantes e mais elevadas predominam as xerófilas coroa-de-frade (*Nelocactus violaceus*), ipoméia, além de coqueiros (*Cocos nucifera*), dendezeiro (*Elaeis guineensis*), macaíba (*Acromia intumescens* daude), paquevira (*Heliconia angustifolia*, e o nosso cajú (*Anacardium occidentale*)).

Mata-restinga: Trata-se de uma mata, pois o elemento dominante é a árvore, e suas copas chegam a se tocar, formando um dossel contínuo. As matas de restingas existentes em Pernambuco devem ser citadas como as que se estendem no Janga, Maranguape, Porto de Galinha, Cupe e a da praia do Paiva. Neste agrupamento vivem: loro baboso (*Nectandra*), goiti (*Conepia*), angelim (*Andira nitida*), cajueiro (*Anacardium occidentale*), pau darco (*Tabubia roseo-alba* sando). Esse tipo de mata de início foi destituída para ceder lugar ao coqueiro, hoje tem sido eliminada em função da especulação imobiliária, como último caso o da praia do Paivaque, é uma propriedade privada da família Brenda, em franco loteamento.

## **MANGUES**

Os manguesais surgem ao longo da costa, dependentes da baixa topografia local que é associada à presença de rios, que em seu curso inferior encontram-se em terreno plano e acima do nível médio que ao cegar do mar e após breve relutância no foz, sobre o rio em caudal contínuo penetrando em todos seus tributários da planície, elevando o nível geral das águas – em média 50 a 70 cm, - o suficiente para extravasar as margens cobrando-as completamente.

A mistura com a água salgada provoca a floculação das partículas de argila e matéria orgânica em suspensão nas águas do rio, que então, rapidamente, se sedimentam sobre as margens inundadas. Algumas espécies adaptadas conseguem sobreviver apesar do solo fluido, encharcado que não oferece apoio às raízes. Além disso, há também outros fatores negativos como o sal em solução na água, a ausência de ar no solo.

Para sustentação das árvores ao solo tais espécies desenvolvem as raízes escoras. Esse sistema protege as plantas contra o vento, dando-lhes flexibilidade; além disso, as raízes aéreas, facilitam acima do nível de maré-alta, o sistema de aeração. *Rhizophora mangle* é a única espécie que se pode ter como exemplo.

Outras plantas que se sustentam ao solo hidromórfico são: *Avicennia nitida* e *Laguncularia racemosa*. Ambas não desenvolvem raiz mestra central; em seu lugar crescem raízes que se fixam ao solo. Essas raízes formam, do lado superior, espaçadamente, certas ramificações que crescem verticalmente para fora do solo, servindo à captação do ar. Recebem a denominação de pneumatófora.

Em função da duração da emergência e da salinidade que se sucedem, da periferia para o interior, as plantas que se constituem estes manguesais.

Ocuidando a parte mais baixa e mais próxima do mar encontramos as *Rhizophoras*; mais acima *Languncularia*, às vezes acompanhadas de pés esparsos de mangues *Avicennia*. Nas partes mais afastadas do mar, ocorre apenas o mangue o mangue-branco.

Os mangues estudados como amostragens, na costa pernambucana foram os dos rios: Goiana, Maria Farinha, Doce, Capibaribe, Jaboatão e Suave.

No rio Goiania, o regime é oligoalino, com predominância de fauna e flora terrestres, onde a *Avicennia* de uma forma dispersa chega até a 20 Km. rio acima. Encontramos regime oligoalino ainda nos rios Doce, Capibaribe, Jaguaribe e Jaboatão. O rio Suave e Maria Farinha tem regime polialino, com predomínio de fauna e flora marinha.

Os manguesais da costa pernambucana sofrem impactos ecológicos constantes ou pela modernização não racional, com o caso de Suave, ou pela necessidade do homem da periferia de utilizar o vegetal como lenha; e mais ainda, em função da especulação imobiliária como é o caso do Recife que antes apresentava paisagem predominante de manguesais, desaparecimento vem debilitando seu ecossistema.

### **CONCLUSÃO:**

Baseados no exposto, concluímos que as restingas de Pernambuco, fazem parte da planície costeira pois estão incorporadas ao continente.

Como o resultado dessa incorporação, surgem lagunas que distando mar até 2 Km. Assim, a vegetação existente é mista, podendo conter elementos de tabuleiros e de matas. É mista ainda pelas espécies xerófilas e hidrófitas também encontradas.

Os manguesais passam a fazer parte da costa são encontrados distandos do mar até 20 Km, margeando a lavoura canavieira onde aparecem espécies com maior resistência como *Avicennia nítida*, cocivendo em minoria com a vegetação complexa, típica do mundo tropical.

Tanto a vegetação das restingas quanto a dos Mangues, sofreu impactos ecológicos contundentes, em especial, pela especulação imobiliária, que destroem seus últimos grupamentos com remanescentes originais.

### **BIBLIOGRAFIA**

- ANDRADE, Gilberto Osorio "Contribuição ao estudo Geomorfológico da Costa Pernambucana" –Recife- 1955; 84p.
- ANDRADE, Lima D. de "Estudos Fitogeográficos de Pernambuco". Arquivo do Instituto de Pesquisas Agronômicas, Recife (5); 305-41, 1960.
- LAMEGO, A. R. "Restinga na Costa do Brasil". Boletim da Divisão de Geologia e Mineralogia, Rio de Janeiro (96) 1-63, 1940.
- MAIO, Celeste Rodrigues "Litoral Oriental do Nordeste" Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, Volume IV-Litoral e agreste. Rio de Janeiro I.B.G. 1958, PÁGS, 51-121.
- RIZINI, C. de T. "Tratado de Fitogeografia do Brasil, Aspectos Ecológicos". São Paulo. Ed. Humanismo, Ciências e Tecnologia a Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.